



A EDUCAÇÃO DA SENSIBILIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristiane Rezende Silva¹

Marise Botti²

PALAVRAS-CHAVE: educação da sensibilidade; formação de professores.

INTRODUÇÃO

Durante todo o processo da construção histórica da Educação Física, enquanto prática de intervenção e pedagógica, diversos autores buscaram se apropriar de conhecimentos de outras áreas, como a psicologia, a filosofia, a sociologia, dentre outras, afim de, substanciar seus paradigmas teóricos, metodológicos, pedagógicos e didáticos. No presente estudo buscamos dialogar com diferentes áreas do conhecimento com objetivo de entender a educação da sensibilidade e seus campos de constituição, enquanto conhecimento pedagógico para a formação de professores de Educação Física, além de compreender quais os caminhos percorridos ao longo da existência humana para que nos tornássemos sujeitos sensíveis, transformadores e presente no mundo.

Para alcançar nossos objetivos nos debruçamos sob a discussão de dois campos, que julgamos essenciais nos diálogos relacionados a sensibilidade: estudos no campo da biologia, nos quais perpassam para os sentidos e significados expressos pelos órgãos do sentido e estudos no campo da filosofia, para entender as relações estabelecidas historicamente entre a razão e a sensibilidade. Entendendo que a razão e a sensibilidade antes conceituadas como sendo antagônicas, hoje já se estabelecem relações paralelas, afim de, tentar explicar o todo que envolve a constituição dos sujeitos.

Como questão problema buscamos responder como a educação da sensibilidade pode contribuir com a formação de professores de Educação Física? A relação e o diálogo entre a educação da sensibilidade e a formação de professores se justifica, intensamente, na Educação Física quando compreendemos que a educação pelo corpo acontece também por meio do “ser” sensível ao outro e ao mundo que se constitui.

METODOLOGIA

Este estudo tem um caráter de referencial teórico, onde propusemos um diálogo com diferentes autores na busca de compreender o significado do conceito-chave sensibilidade e as relações e implicações deste conhecimento para a formação de professores de Educação Física. Pode-se dizer que são poucas as contribuições da área da Educação Física quanto a esta discussão, por isso utilizamos de autores de diferentes áreas, entre elas a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia. Temos a intenção de qualificar as discussões e promover um diálogo acerca da educação da sensibilidade e suas contribuições para a formação de professores de Educação Física.

Este trabalho não se propõe a atender todos os referenciais dispostos sobre o tema, mas sim tentou se debruçar sobre os que mais se direcionavam ao campo da Educação Física e a educação para sensibilidade. Consideramos este trabalho de extrema relevância para a área, visto que, poucos estudos se referem a temática proposta, neste sentido, percebemos a necessidade de ampliar nossos horizontes teóricos, indo assim de encontro com outras áreas do conhecimento.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Quando se fala em sensibilidade possivelmente associamos este termo a várias correntes, dentre elas as científicas, as humanas e as filosóficas. Ambas fazem parte de uma rede de conexões em que as relações subjetivas entre o homem e a sociedade os tornam sujeitos sensíveis ou não. Para tentar entender quais os caminhos percorridos ao longo da existência humana que nos proporcionaram tornar sujeitos sensíveis e presente no mundo, nos debruçamos nas reflexões feitas pelos campos da biologia e da filosofia.

Com relação à sensibilidade, Terra et al (2010, p. 66), afirma que “esta tomou diferentes conotações, no decorrer da história [...]. Ela está vinculada à possibilidade de, por meio dos sentidos, obter sensações sensíveis diante da realidade; está relacionada a uma maneira de conhecer e está voltada para uma qualidade especificamente humana.” Corroborando com essas ideias Monclar (2007, p. 4) diz que a sensibilidade “é a coleção de capacidades localizadas, especializada na apreensão de determinados aspectos do mundo, por meio dos vários órgãos dos sentidos”. Com base nesta descrição, os órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, são utilizados somente para a sobrevivência. Estes órgãos são àqueles órgãos que percebem o que se passa, e por meio da sensibilidade, o que se passa é interiorizado aos sujeitos.

Em contrapartida a esta visão biológica, Alves (2005, p. 25) dá um sentido filosófico aos sentidos, relatando que “estes são órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele, isto quer dizer que por meio destes órgãos os sujeitos encontram a felicidade, o bem-estar e o prazer”... Apoiado também a essa concepção de sensibilidade Santin (1998, p. 65) afirma que:

A sensibilidade é uma espécie de simpatia pela qual nos transportamos na interioridade dos outros, ao mesmo tempo que abrimos nossa interioridade ao acesso do outro para coincidir com o que há de único em nós e, portanto, inexprimível, mas pode ser sentido, vivido.

Neste momento, utilizamos os órgãos dos sentidos como um saber, representado aqui como o saber ouvir, saber ver, saber sentir, saber saborear... para dar novos significados à vida e utilizar destes para descobrir novos caminhos na formação de professores.

Para que se possa entender um pouco mais sobre sensibilidade, há outra reflexão no campo da filosofia, por meio das discussões entre a razão e o seu antagonismo com a sensibilidade. Nesta perspectiva, entende-se que historicamente a razão e a sensibilidade andaram em sentidos opostos, mas que alguns estudos partem do pressuposto que estas podem caminhar juntas para a constituição do homem.

O racional definido por Salgado (2003, p. 27) “refere-se ao conhecimento logicamente necessário e universalmente válido, considerando que nada de bom ou útil pode vir dos sentidos”. Alguns estudiosos defendem esta ideia, como Platão “que pensava que agir moralmente é agir racionalmente, e agir racionalmente é filosofar, e filosofar é suprimir o sensível”. Porém, no século XX, alguns fatos foram marcados por esta difusão do pensamento racional segundo Chinellato (2007, p. 16) foram as “guerras, violência, fome, desestabilidade social, desequilíbrio ambiental e o surgimento de novas doenças”. Diante de tais fatos constatou-se que não somente o pensamento racionalista seria capaz de explicar o sentido do mundo, portanto, em contrapartida aquilo que é racional tem-se o sensível. Segundo Fiamoncini (2003, p. 75) “razão e sensibilidade estão conectadas uma à outra e a supremacia de uma ou outra só poderá resultar na incompletude, na sectarização e no equívoco”.

Com isso, percebe-se que educar para a sensibilidade parece não ser uma tarefa fácil, por ser muito mais do que a prática, é pensar e analisar o que está em volta, ter um olhar mais crítico as situações, intervir de forma a pensar no aluno e em sua realidade, além de entender que este pode ser um caminho para o alcance da autoria da sua prática pedagógica, autônoma,

crítica e consciente. Portanto, a função dos educadores é ensinar aluno a ver, principalmente, mas também a sentir, a ouvir, a escutar e a falar (ALVES, 2005). Aprendizes de tais ensinamentos, estes são capazes de perceberem da melhor forma as experiências, de defini-las e de transformá-las como algo que os constituem.

CONCLUSÕES

Diante dessas reflexões é válido ressaltar que os conceitos de sensibilidade e racionalidade foram modificando ao longo da história, mas o grande foco está na utilização paralela da sensibilidade e da racionalidade para a construção do conhecimento e um novo olhar sobre o mundo, porém deve ficar claro, entretanto, que a sensibilidade, como a vida precisa ser educada, desenvolvida e cultuada. Faz parte do processo de auto-organização do organismo vivo (SANTIN, 1998, p. 61). Contudo Alves (1994) critica a escola quando afirma que:

esta não explora a educação dos sentidos e os sentimentos, mostrando que os alunos ao saírem da escola têm olhos, ouvidos... perfeitos, mas não parece tê-los desenvolvidos por não saberem enxergar, ouvir, sentir cheiros, emocionar-se ou amar no verdadeiro sentido da palavra.

Entende-se assim que por meio das relações sensíveis entre professor e alunos, os alunos se tornam sujeitos e transformadores de suas práticas, produtores de saberes e conhecimentos, e segundo Canella e Matela (2006, p.5) possibilita superar a posição “ingênua” de adaptação ao mundo para a posição crítica de inserção no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Educação dos sentidos e mais*. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- ALVES, R. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, H. (Org.) *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papyrus, 1994.
- CANELLA, D.; MATELA, R. C. P. Saberes da experiência na construção de nossos saberes escolares: um diálogo constituinte? *Revista Eletrônica do Grupo Aleph*. Faculdade de Educação – UFF, Ano II, n.9, Fev/Mar. 2006.
- FIAMONCINI, L. *DANÇA NA ESCOLA: a busca de elementos na arte e na estética*. Dissertação do programa de Pós-graduação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- SANTIN, S. *Humanização e Sensibilidade: Um Novo Olhar na Enfermagem: perspectivas para o novo milênio*. 1998. Disponível em: < http://www.labomidia.ufsc.br/Santin/Saude/4_Humanizacao_e_sensibilidade.pdf > Acesso em: 06/04/2013.
- TERRA, M. G. et al. Sensibilidade nas relações e interações entre ensinar e aprender a ser e fazer enfermeiro. *Revista Latino-Americana*. Ribeirão Preto, n.18, v. 2, p. 64 – 71, Mar/Abr. 2010.
- VALVERDE, M. Corpo e sensibilidade: os sentidos do corpo. In: *Estética da comunicação*. Salvador: Quarteto, p. 249-262, 2007.

¹ Graduanda em Educação Física na Universidade Federal de São João Del Rei, cris.rezende03@gmail.com.

² Professora Mestre na Universidade Federal de São João Del Rei, marisebotti@ufsj.edu.br